

A Imagem e a Interatividade em Ambientes de Aprendizagem.

Profs Dra Maria Igenes Carlos Magno - Universidade Anhembi Morumbi

Dr Paulo Alexandre Cordeiro de Vasconcelos - Universidade Anhembi Morumbi e Faiteer
O. Cruz –Lapic ECA USP

Palavras chave –imagem- aprendizagem - polissemia - discursos híbridos –
interatividade.

Resumo

A sociedade e a sua atual reorientação cultural, requisita a ampliação dos papéis e uma certa redefinição de propósitos dos espaços de aprendizagem. Espaços que se tornaram, ao mesmo tempo, a encruzilhada onde se encontram as mensagens dos media; as novas linguagens em suas múltiplas tessituras sígnias, e local em que as tecnologias da comunicação e da informação compõem o ambiente de aprendizagem. Nesta perspectiva, o texto se concentra em um dos aspectos da realidade contemporânea: o estudo da imagem e a sua interatividade em diferentes ambientes de aprendizagens.

Propondo

Nosso intuito nesta comunicação é o de traçar algumas considerações sobre o estudo da imagem em ambientes de aprendizagem, considerando os dados empíricos de nossas pesquisas sobre o tema e com foco nas perspectivas do entrelaçamento da imagem e da palavra dentro de um discurso marcado pela textualidade numa proposta didática de aprendizagem e interatividade.

Nosso trabalho tem o campo das tecnologias da comunicação aplicadas à educação o foco das reflexões e produção de materiais didáticos dentro do Curso de Pedagogia da Universidade Anhembi Morumbi, bem como na pesquisa do audiovisual seja para efeito da pesquisa centrada em Mestrado seja para efeito do trabalho com a disciplina pós ECA.

Abrindo

A imagem como discurso marca a força que temos de dizer por signos, de expressar, de imaginar e de comunicar. A imagem é, sobretudo, a marca, a ambiência onde instalamos nosso imaginário e nela freqüentamos latitudes da consciência e da inconsciência. Pela imagem nos anunciamos e somos enunciados como que tragados pelo discurso.

Nossa pesquisa se assenta sobre nossas práticas comunicacionais educativas, e por que não adensada pedagogicamente com vistas a decifrar e a entender o poder da imagem que de modo colaborativo tece a grande escritura da aprendizagem e do conhecimento. Nesta perspectiva, partiremos do paradigma segundo o qual a imagem é um discurso de uma mesma escritura onde se constrói a comunicação, a consciência e a inconsciência do homem.

Somos tentados a parafrasear por imagens o que palavras nos querem dizer ou vice versa. O verbo é a ambiência pela imagem e desta forma, ao dizermos pela imagem nós a concebemos também por esforço conceitual e fonemático na grade de compreensão global que necessitamos para sentir e expressar. Do mesmo modo, ao dizermos sonoramente o fazemos por assertivas audiovisuais, implicando numa força quase caligramática. A comunicação como aprendizagem é apreensão, é recepção e se sustenta pelo poder das matrizes discursivas que se intercambem numa estética permanente com poderes para compreender. A imagem é pano de fundo onde se entrecruzam intertextualmente linguagens que ao tecer o discurso reinscreve sobre-imagens nas variações de lugar correlações e diálogos. A leitura é, pois, essa arquitetura imagética onde apostamos nos dados das linguagens e intertextualidade.

Mas o que queremos essencialmente é esse caráter de ambiência icônico que a imagem nos propicia, é o mostrar a folha, é esse primeiro trato de nos depararmos com a folha em branco do papel ou da tela. Essa imagem é ambiência e discurso que ao se dizer diz assim em branco, ou pede, ou nada. Mas diz.

A imagem é a o mesmo tempo painel de onde emanam luzes e cores, e isso nos permite num primeiro momento conceber e estar numa ambiência e ir traçando a organização, a leitura ou escritura do que diz o discurso combinando ou mesmo a outras linguagens.

Imagem Ambiente e Comunicação.

No ambiente de aprendizagem a imagem é o principio sobre o qual se apostam novas imagens, discursos e textos. Nesse ambiente, de imagem-imaginação nos enlaçamos

nas linguagens e sempre buscamos o casamento da palavra e da imagem. Como trato para mais dizer ou figurando mais tecer, mais adensar, mais expressar e dialogar.

A imagem além de texto prefigura essa ambiência para acatar outras textualidades ou não. Na busca pelo enlace da imagem, ela desenha o pensamento e se lança a novos enlaces com a palavra agregando assim diálogos com novas textualidades.

O desafio do educador que trabalha com ambiente de aprendizagem é grande seja na confecção de materiais didáticos, seja como crítico da produção desses materiais, seja como simples produtor de materiais como um *power point*, a produção de programas televisivos ou cinematográficos, como designer de *web site* ou, ainda como fotógrafo. O educador, ao tratar, ler, escolher imagens o faz trazendo para um ambiente, propondo, assim, uma ambiência dentro do qual se sublocam outros ambientes conceituais.

Nesta busca para conseguir maior ambiência estamos na comunicação nos lançando ao tornar comum de modo a persuadir pelas linguagens e suas sintaxe nos enlaces dialogais que se propõem entre as linguagens aí comprometidas e assim estamos dentro de uma estética, estética da ambiência e da aprendizagem.

Na comunicação educativa estamos implicados numa estética da aprendizagem, estética essa que dá o pano de fundo para ambiência e, portanto do estar. Estar no diálogo bem estar como algo animador e convidativo, de face organizada aonde os olhos se movem com a facilidade. E deslizam sobre interfaces outras linguagens agregando sentido e combinando conceitos imagem é conceito, é arquitetura conceitual de polissemias como veremos mais adiante. A imagem, sendo algo que prefigura combina-se com conceitos que muitas vezes urge a combinatória dos conceitos visuais outros ou mesmo do verbal fazendo assim justaposições intertextuais, ou abrindo, alargando conceitos e demandas de significados.

A imagem da página, a exemplo de um web site exige a estética da ambiência, como primeira grande formatação ou diagramação do bem estar escópico e do pensamento que também é visual no açambarcar conceitos também. Como sujeito do signo no signo, como assim afirmava Peirce, nos implicamos nas matrizes lógicas do pensamento e das linguagens que se trifurcam em três que são o verbal o visual e o sonoro. Seja em que condição triádica sígnica se coloque. Para ele estamos implicados sempre e concomitantemente em pensamentos, signos e percepção. **(CP 5.212)**

Desta feita à imagem como ícone ou hipóicone é de fatal atração a nós, pois nos leva a mesma tríade: ao pensamento, à percepção e ao signo. Ela tem o poder de arquitetar seja ela em sua condição material - figurada- ou imaterial imaginada enquanto forma e articulação cognitiva e computacional da mente.

O signo, na sua produção de semiose está na produção de cognição e só assim realiza a condição do signo. O pensamento diante da imagem produz signagem, pois está em manutenção de cognose. Portanto, produzir para a comunicação educativa é estar semioticamente comprometido em discurso e texto, e assim, aa entrar ao campo das

polissemias saber tratar as escolhas sígnicas de modo a produzir intertextualidades e diálogos que mantêm a intertextualidade ampla e concisa.

Produzir para a comunicação educativa é estar de posse de uma didática que não se distancie da pesquisa em cognição, das semióticas textuais, que operam com vistas a objetivos claros e faixas etárias a que se propõem de modo a saberem operar por instruções de desenvolvimentos cognitivos. Amparam-se na didática da comunicação, pois esta existe como nos ensinam os diferentes segmentos da mídia em geral, assegurando assim a recepção.

A pesquisa em ambientes de aprendizagem tem nos ensinado a trabalhar, por exemplo, com cores e sua estética de intensidade aliada a um equilíbrio de ritmo e densidade cromática em equilíbrio. A palavra é imagem e emite do mesmo modo luz sobre o olho e, portanto seu tipo imagético de fonte deve ser estudado com igual atenção da imagem, como uma verdadeira diagramação. Este estado de diagramação concorre para o que chamamos também de ambiência. É neste estado de sentir e estar que decorre o sentido da interatividade. Esta se desenrola inicialmente como uma estética que hospeda ou refuta, como uma forma de produzir ou negar pertencimento.

No entanto e apesar do exposto acima, o fenômeno estético da comunicação ainda é pouco estudado como forma de interatividade, como ambiência ou como detonador de jogos de convivência. A imagem enquanto textualidade de ambiência permite o primeiro passo para a interação. Ela é a paisagem inicial sobre a qual se confundem: ambiente e comunicação. A leiturabilidade se confunde com a visibilidade inicialmente como ação catalisadora da aproximação e a interação se afirma pela capacidade de sedução, de persuasão, de desejo estimulado pelo encontro e capacidade de empatia estética e visual.

Imagem e Interatividade- Lendo com Exercícios de significar ou ressignificar

Hoje existe um quase consenso entre os teóricos, que vivemos sob o primado inicial do retângulo da imagem, seja na tela do cinema tv, vídeo DVD ou monitor, ou mesmo a revista e o jornal. Entendemos que a tela retangular enquadra nosso olhar na forma de imagem, onde passeamos e ai adjudica o poder da interpretação da leitura e nesse ambiente retangular estreitamos ou não a interação. Compreendemos que sobre o retângulo reencontramos novos espaços, mas operamos sempre dentro de uma moldura de altura e largura proporcionais ao retângulo e sobre ele estabelecemos a leiturabilidade. Tal enfoque de leiturabilidade determina-se pela imagem material e imaterial Esta última se constitui como ambiente de interação consigo próprio e com o outro. A outra está determinada sobre a leitura imaginária que fazemos, que produzimos. Esse foco imaterial se agrega ao foco dos elementos perceptuais sensoriais que cravamos sobre os elementos imagéticos que resgatamos e conformamo-los ao construído imaginariamente.

Sabemos também que a despeito do termo imagem ser tão diferentemente utilizado, teorizado, e se atualmente o remetemos à imagem da mídia, seu significado vem de longe e traz em si “noções complexas e contraditórias, que vão da sabedoria à diversão, da imobilidade ao movimento, da religião à distração, da ilustração à semelhança, da linguagem à sombra”, como nos lembra Martine Joly (2005:17). Complexidades, contradições e embates teóricos que podemos recuperar ao longo da história da imagem na cultura, e acompanhar o quanto seu significado foi diferentemente entendido e utilizado em determinadas épocas e por diferentes povos. Nessa recuperação, podemos entender porque ela é a paisagem inicial sobre a qual se confundem: ambiente e comunicação.

Embora uma de suas definições mais antigas seja a de Platão, a imagem sempre esteve presente. Presente na origem da escrita, das religiões, da arte e do culto dos mortos, a imagem também é um núcleo da reflexão filosófica desde a antiguidade. (Joly 2005:19). E se a discussão entre Platão e Aristóteles girava em torno do engano ou do conhecimento que as imagens poderiam representar, hoje, vivemos a estranha contradição de habitar um mundo repleto de imagens, sejam elas naturais ou virtuais; de fazer parte de uma geração em que “as chamadas novas imagens virtuais propõem mundos ilusórios e no entanto, perceptíveis[...]”(Joly 2005:10), e de nos sentirmos ameaçados pela avalanche e proliferação de imagens.

Paradoxo entendido por Arlindo Machado como o *novo iconoclasmo*: “manifesto sob a forma de horror às imagens, denúncia de sua ação danosa sobre os homens e destruição pública de todas as suas manifestações materiais” (2001: 6). Iconoclasmo ou neoplatonismo, em comparação ao debate entre Platão e Aristóteles e os atuais intelectuais que entendem o atual momento histórico como a *civilização das imagens* (Fulchignoni:1972) ou a *sociedade do espetáculo* (Debord:1967). Segundo Machado (2005:16):

“...os novos iconoclastas apregoam que as imagens a partir de meados do século XX começaram a se multiplicar em progressão geométrica: elas estão presentes em todos os lugares, invadem a nossa vida cotidiana, influenciam nossa práxis com sua pregnância ideológica, subtraem a civilização da escrita, erradicam o gosto pela leitura e anunciam um novo analfabetismo e a morte da palavra”.

Visualmente imitadora, podendo enganar ou educar, sofrendo interditos de tempos em tempos, o fato é que a imagem sempre comunicou e transmitiu mensagens. O fato de a proliferação e a utilização de imagens se generalizarem no mundo contemporâneo, ao contrário de ameaçar nossa consciência ou de provocar a morte da palavra, remete-nos a uma outra instância reflexiva: a de que a palavra e a imagem não são excludentes, mas complementares. Neste sentido, a análise da imagem no ambiente de aprendizagem, permite que compreendamos a especificidade de cada uma das linguagens e a interatividade/complementaridade existente entre elas. A interatividade afirma a comunicação no diálogo de linguagens, seja pelo interativo dialogal que evoca a imagem, seja pelo diálogo vivo entre imagem e palavra.

Considerando as muitas discussões e teorias referentes à natureza da imagem; entendendo que existem diferentes categorias de análise das imagens; que entre as suas muitas significações o ponto comum entre elas é o da analogia, da semelhança, seja ela material ou imaterial, visual ou não, natural ou fabricada, uma imagem é *algo que se assemelha a outra coisa* (Joly 2005:38); tendo claro que nosso intuito é o de mostrar como as imagens podem ser abordadas em ambientes de aprendizagem, bem como o entrelaçamento entre imagem e palavra dentro de um discurso marcado pela textualidade e interatividade, trouxemos um exercício visual que teve a imagem fotográfica como referência.

Importante esclarecer que a fotografia foi abordada como documento e representação e não em seus aspectos e processos técnico e conceitual ou, como explicitou Barthes (1984:13), referindo-se as várias tentativas de classificação da fotografia, disse que ela é inclassificável e se encontra “no entrecruzamento de dois processos inteiramente distintos: um é de ordem química: trata-se da ação da luz sobre certas substâncias; outro: é de ordem física: trata-se da formação da imagem através de um dispositivo óptico”. Fotografia como possibilidade de ampliação de nosso campo visual sobre o que observamos; sobre os testemunhos históricos que fornecem; pela percepção das possibilidades interpretativas, tanto a do fotógrafo como do receptor, ou a percepção das ambigüidades contidas nas imagens capturadas da realidade; pela multidisciplinaridade que seu conteúdo guarda e que pode ser decifrada por meio da pesquisa histórica ou da desconstrução ideológica materializada na imagem fotográfica; pela possibilidade de decifrar “a realidade interior das representações fotográficas, seus significados ocultos, suas tramas, realidades e ficções, as finalidades para as quais foram produzidas”(Kossoy,1999:23), principalmente, pela possibilidade de exercitar, no ambiente de aprendizagem, a interatividade/complementaridade entre a palavra e a imagem.

De acordo com Kossoy (1999:25/26), os componentes que tornam a fotografia possível são: “o *assunto* que é o objeto de registro, a *tecnologia* que viabiliza tecnicamente o registro e o *fotógrafo*, que motivado por razões de ordem pessoal ou profissional, a idealiza e a elabora” [...] o espaço e o tempo implícito no documento fotográfico subentendem sempre um contexto histórico específico em seus desdobramentos sociais, econômicos, políticos, culturais. Partindo dessas afirmações, da natureza polissêmica das imagens fotográficas, que permitem sempre uma leitura plural não só da imagem em si, mas dos elementos naturais e sociais que vão além dos capturados e fixados pelo instantâneo fotográfico e o processo de criação do fotógrafo, assim, propusemos os exercícios, com vistas as imagens que aqui deixamos de anexá-las

Exercício1.

Título – *Das imagens em panorâmica ao plano de detalhe.*

Proposta – A partir da apresentação de uma seqüência de cinco fotos, mostrar como o fotógrafo nos leva, através de zoom fotográfico para o interior da uma região e a descoberta da história de um povo.

Informação – Nenhuma. Apenas a seqüência das imagens.

Exercício – Nesse momento, o exercício é o do olhar e a descrição/decifração dos elementos contidos nas imagens.

O fato de a primeira parte do exercício visual apresentar uma seqüência de imagens sem nenhuma informação verbal, é também um momento de estudo sobre a fotografia e o ato fotográfico. A ausência da palavra, ao mesmo tempo em que exige do receptor um olhar atento para a imagem na tentativa de decifrar o máximo de elementos que compõem a cena, ou que podem estar além do revelado, torna fácil o entendimento de que toda fotografia ocorre num determinado lugar e época e tem uma realidade própria. Como também fica fácil entender que mesmo sendo um fragmento da realidade, ela oculta em si uma história a espera de quem queira desvendá-la.

Exercício 2

Título – *Da descoberta das comunidades indígenas a (re)descoberta da região/do povo/da história.*

Proposta – A partir das seqüências das imagens fotográficas viabilizadas pela tecnologia, o fotógrafo nos revelou no fragmento da realidade capturada, a existência da história de um povo em um determinado lugar, ainda por se revelarem.

Informações – Autor das fotos: Sebastião Salgado. Ano de 1998. Legendas explicativas de cada uma das imagens.

Exercício – Perceber a complementaridade entre imagem e texto e o os desdobramentos provocados pelo entrelaçamento de ambos.

Se toda fotografia tem sua gênese num específico espaço e tempo, a imagem fotográfica fornece provas, indícios acerca de uma realidade e de um acontecimento histórico. Além das legendas em cada foto, duas outras informações são preciosas para continuarmos o estudo: a autoria e as datas. Se a tecnologia permite ao fotógrafo a articulação entre a fragmentação e o congelamento cultural (Kossoy 1999:29), é possível compreendermos que o fotógrafo mesmo se apoiando nos recursos oferecidos pela tecnologia, possui um repertório pessoal e filtros individuais. Fato que nos esclarece porque a imagem fotográfica é um documento criado e construído pelo fotógrafo a partir de um assunto extraído da realidade.

Exercício 3

Título - *Fotografia e conhecimento histórico.*

Proposta – Partir das informações reveladas pela fotografia e conhecer a história descrita nas imagens.

Informação – local: Estado de Chiapas. México.

Exercício – Pesquisa histórica e visual do Estado de Chiapas e das personagens que povoam os fragmentos fotográficos.

As legendas articuladas às imagens nos levaram à pesquisa e nos deram a conhecer a história e permitiram que tomássemos conhecimentos da história da região e dos personagens congelados no momento do ato do registro fotográfico. Imagem fotográfica, registro, testemunho histórico amalgamado ao processo de criação. Apesar da distância e do nada em comum entre a imagem congelada da comunidade indígena sobrevivente do massacre de Acteal, e a foto de um jovem estudante fotografado por A Kertész em 1931, é impossível não lembrar da pergunta feita por Barthes a foto de A Kertész: “É possível que Ernest ainda viva hoje em dia: mas onde? Como? Que romance?”(Barthes, 1984:126). Para Barthes, mais do que outra arte, a Fotografia coloca uma presença imediata no mundo, uma co-presença; mas essa presença não apenas de ordem política, ela é também de ordem metafísica. “ A fotografia não fala *daquilo que não é mais*, mas apenas e com certeza *daquilo que foi*. Essa sutileza é decisiva”(Barthes:127).

Exercício 4

Título - *Do entrelaçamento entre palavras e imagens, o encontro de outros tempos e linguagens.*

Proposta – partir das informações fornecidas pela primeira imagem fotográfica de Chiapas, aprofundada pela pesquisa histórica e a descoberta do atual movimento da Frente Zapatista de Libertação Nacional, das relações entre guerrilha e tecnologia e das *palavras andantes* do subcomandante Marcos e perceber outros desdobramentos possíveis, como por exemplo, o encontro entre a poesia de Marcos, a pintura cubista de Diego Rivera e as discussões platônicas e aristotélicas sobre a imagem.

Retomando uma vez mais alguns teóricos da fotografia, é interessante acompanharmos em algumas de suas falas os pontos comuns em torno da imagem fotográfica. Para Kossoy (1999:45), é importante termos claro que a imagem fotográfica, com toda sua carga de “realismo”, não corresponde necessariamente à verdade histórica, apenas ao registro da aparência..fonte, pois, de ambigüidades”, mas é tão importante percebermos o quanto “as imagens mudam os textos, mas os textos, por sua vez, mudam as imagens”(Joly:13). Susan Sontag (1993:16) Fotos fornecem um testemunho. Algo de que ouvimos falar mas de que duvidamos parece comprovado quando nos mostram uma foto.[...] uma foto equivale a uma prova de que determinada coisa aconteceu. A foto pode distorcer, mas sempre existe o pressuposto de que algo existe, ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem” Afirmações que puderam ser percebidas ao longo do exercício.

Como observamos os inúmeros desdobramentos temáticos que as imagens fotográficas nos mostraram. A cada pesquisa, a cada descoberta ela nos arremessava para um outro campo de estudos e conhecimentos, o que tornou possível apreendermos a dialética existente entre imagens e palavras, bem como a interatividade existente entre as diferentes áreas e linguagens.

FECHANDO

Nossa prática em pesquisa e sala de aula aponta para uma ditadura da palavra sobre a imagem, muitas vezes, o oposto, sem que se especule os campos intertextuais que dialogam entre a imagem e palavra. Desta feita não se cobra numa leitura mais densa desses diálogos que produzem uma ação intersemiótica e ficam num vazio muitas vezes da compreensão total dos intercrucamentos das linguagens, redundando numa fragilidade da comunicação e sua recepção.

È necessário ao mesmo tempo ter consciência na produção de textos híbridos e, assim, ter uma ação estratégica de aprendizagem e de como utilizar esse duplo: imagem e palavra com funções de comunicação, e seus ambientes de aprendizagem. Devemos pois preocuparmo-nos no processo de aprendizagem diante de tantas funções que a imagem desempenha desde as funções narrativas, expressivas, estéticas, lúdicas e metalingüística). Desta feita para cada momento e função uma estratégia e escolha de arranjo textual .(Camargo 1995).

O texto da comunicação deve ter essa arquitetura de ambiência na combinação imagem e palavra numa função já estética, buscando e exercendo, ou não, outras funções seja de narrativa, de arranjo estético, jogo textual ou até mesmo metalingüístico.

È necessário ter consciência das textualidades as quais nos deparamos para integrá-las num processo intersemiótico, e buscar entendê-las como ação cognitiva, como recepção. Que é também a comunicação.

Todo sujeito da comunicação é um jogador cognitivo do texto em que aposta em campos semânticos diversos na busca de mais entender, compreender e interagir por captação do texto, no desejo de estar em comum sentido, via de comunicação.

Precisamos saber dar a palavra e a imagem seus campos de atuação numa análise semiótica da comunicação para efeito do interagir e só assim podendo estabelecer laços de comunicação e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTHES, Rolan. *A Câmara Clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CAMARGO, Luís. *Ilustração no livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995.
- JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e Ficções na Trama Fotográfica*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 1999.
- MACHADO, Arlindo. *O quarto iconoclasmo e outros ensaios hereges*. Rio de Janeiro: Rios Ambrosiosos, 2001.
- PEIRCE, C S. CP 5212. apud Santaella, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*. São Paulo: Iluminuras 2001
- SONTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

